

GRUPO HUME: CONSIDERAÇÕES E MEMÓRIAS

Marcos Balieiro

Universidade Federal do Sergipe

Marcos.balieiro@gmail.com

Em 2002, ocorreu, na FAFICH-UFMG, o I Colóquio Hume, organizado pela Profa. Livia Guimarães e por seus então orientandos Anice Lima Araújo e Bruno Pettersen. O evento contou com vários estudiosos brasileiros, como Maria Isabel Limongi e Sara Albieri, e alguns nomes estrangeiros de peso, como Simon Blackburn, Don Garrett e Geoffrey Sayre-McCord (é difícil decidir se João Paulo Monteiro deveria ser classificado entre os brasileiros ou entre os estrangeiros). Déborah Danowski, que publicara havia pouco tempo a primeira tradução brasileira do *Tratado da Natureza Humana*, participou de uma sessão em que os resultados de seu hercúleo trabalho de verter para o português uma obra tão complexa foram amplamente discutidos.

É importante notar que, naqueles tempos, um evento exclusivamente dedicado à obra de Hume era uma ocasião bastante particular: na maior parte dos departamentos de filosofia brasileiros, o pensador escocês era conhecido quase exclusivamente como um filósofo que discutiu de maneira cética o problema da causalidade, tendo sido responsável por despertar Kant de seu sono dogmático. Alunos de graduação, se tivessem sorte, leriam, provavelmente, as seções 2 a 7 de *Uma Investigação sobre o Entendimento Humano*. Havia uma edição da coleção *Os Pensadores* que continha, além da própria *Investigação*, alguns dos *Ensaio Morais*, *Políticos e Literários*, traduzidos de maneira competente por João Paulo Monteiro e Armando Mora, mas eles eram comumente deixados de lado. Na pós-graduação, é claro, trabalhava-se com textos originais, mas Hume ainda era, principalmente, o filósofo do empirismo radical e das concepções céticas sobre a causalidade. Esse contexto permite ver que o I Colóquio, ao abrir espaço para conferências sobre temas relativos à história e à moral, foi, por si só, importante para apresentar, a alguns dos espectadores, facetas talvez insuspeitas do pensamento humiano.

Houve, ainda, uma outra consequência relevante daquele primeiro evento: ele deu início a uma série de esforços, por parte de um grupo pequeno que se constituía no ano anterior, para estabelecer maior contato entre estudiosos brasileiros da obra de Hume, o que viria a resultar

em um grupo bastante coeso e bastante apaixonado. É importante lembrar que isso decorreu, em parte, de esforços conscientes. Já durante o Colóquio, discutiu-se a possibilidade de criar uma sociedade brasileira dedicada à filosofia humiana, possivelmente em moldes não tão distintos daqueles segundo os quais opera a Hume Society. Essa ideia pode ter tido uma vida curta, mas o anseio de reunir pesquisadores de temas variados da filosofia de Hume permaneceu. Como resultado, em anos seguintes, juntaram-se àquele grupo professores e alunos de outros estados. Além de outras edições do Colóquio Hume, os envolvidos mantinham contato tão frequente quanto possível por meio da internet, o que colaborou não apenas para que ocorressem trocas interessantes de bibliografia, mas, também, para uma interlocução efetiva, que resultava não apenas em pesquisas rigorosas, mas em uma expansão da gama de temas da filosofia de Hume que recebiam atenção.

O crescimento do grupo fez com que houvesse a necessidade de mais espaço para que alunos de graduação e pós apresentassem suas pesquisas. Como resultado, ocorreu, em 2009, no Rio de Janeiro, o I Encontro Hume, que ocorreu no antigo IUPERJ. É importante observar que não se tratou de uma dissidência, ou de um evento concorrente. De fato, tanto o Colóquio quanto o Encontro ocorreriam, por alguns anos, em paralelo, de maneira complementar, e contavam com muitos participantes em comum. Eram, ao fim e ao cabo, eventos organizados por um mesmo grupo, que, a essa altura, já estava relativamente consolidado.

Desde então, é importante ressaltar que muitos que participaram dos momentos iniciais do Grupo Hume como pós-graduandos se tornaram professores em instituições espalhadas por todo o país. Além disso, os esforços do grupo atingiram novas gerações de estudantes, desde a graduação, o que tem resultado em constante renovação dos integrantes do grupo. Isso foi possível tanto por conta do trabalho rigoroso dos pesquisadores envolvidos quanto por conta de um avivamento pelo interesse na obra de Hume com as várias traduções de qualidade que vieram a lume desde então. Hoje, à exceção da *História da Inglaterra* (da qual há apenas uma tradução parcial), todas as grandes obras do pensador escocês têm versões em nossa língua. Isso tem permitido que trabalhem, desde as disciplinas de graduação, com temas importantes do pensamento humiano. Ainda assim, isso não seria suficiente se não houvesse um grupo de professores e pós-graduandos já interessados nesses temas.

No que diz respeito, especificamente, às atividades de pesquisa, o trabalho do Grupo Hume se tornou muito relevante justamente porque nossas discussões se beneficiam da leitura não apenas deste ou daquele texto, mas da capacidade de ler cada obra com relação a um pano de fundo mais amplo, que inclui não apenas a filosofia humiana, mas o próprio contexto cultural

do século XVIII. Isso tem feito diferença para a cena filosófica brasileira. Como se sabe, até não muito tempo atrás, era comum, mesmo no caso de alguns estudiosos da modernidade, tratar o Iluminismo como um movimento mais ou menos unívoco, cujos maiores representantes seriam certos pensadores franceses ou alemães. Com isso, perdia-se de vista não apenas a possibilidade de ler autores bastante instigantes (e muito influentes em seu próprio tempo) que são menos conhecidos hoje, mas, também, a dimensão real do que foram os vários iluminismos. Ora, sabe-se que, na Escócia, as coisas se deram de modo bastante diferente do que se vê, por exemplo, nas luzes francesas. Sabe-se, ainda, que as especificidades que chamavam a atenção de pensadores escoceses (Hume entre eles) foram importantes no que toca ao desenvolvimento de aspectos particulares de suas obras. Finalmente, sabe-se, também, que uma boa compreensão do pensamento de qualquer autor do período passará, em algum momento, por compreender tanto a maneira como ele se posiciona em seu iluminismo específico quanto suas eventuais relações com uma, por assim dizer, comunidade filosófica internacional. Desse modo, o trabalho de estudiosos ligados ao Grupo Hume colaborou para a difusão, em terras brasileiras, não apenas do pensamento humiano, mas para uma compreensão importante das próprias maneiras de pensar a filosofia do século XVIII.

É importante destacar, ainda, que o trabalho desenvolvido no interior do grupo ensejou a criação do GT Hume na ANPOF. Fico muito feliz que a primeira reunião do GT tenha ocorrido no Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF de 2016, que ocorreu em Aracaju, cidade em que moro e trabalho já há alguns anos. Isso não quer dizer, é claro, que a edição seguinte, em Vitória, não tenha sido igualmente proveitosa e divertida. Faço essas considerações sobre o que me alegra na primeira reunião do GT, e sobre como a seguinte foi divertida, porque o ponto de vista a partir do qual escrevo não se reduz à minha experiência pessoal, mas tem a ver, em alguma medida, com ela. Peço licença, então, para escrever, agora, de maneira mais livre, repleta de elementos que, por serem excessivamente pessoais, certamente pareceriam vícios em um texto estritamente acadêmico.

Tive a oportunidade de participar daquele já distante I Colóquio por conta da generosidade de Anice, que não apenas me apresentou a todos os participantes e garantiu que eu me sentisse à vontade, mas permitiu que alguém que ela conhecia havia pouco tempo se hospedasse em sua casa. Posso dizer que me senti imediatamente acolhido e, de saída, percebi, em um momento em que iria iniciar minha pesquisa de mestrado, que minha formação inicial, de matriz pesadamente estruturalista, poderia trazer resultados sólidos, mas talvez se mostrasse insuficiente. Ressalto esses dois aspectos porque minhas vivências no Grupo Hume (que às

vezes são, é verdade, dificultadas pela distância) sempre foram marcadas tanto pelo impacto que o trabalho dos colegas teve em minha pesquisa quanto pela convivência amigável e acolhedora. Em um primeiro momento, isso quis dizer, principalmente, boas conversas e sugestões de bibliografias secundárias que me abriram os olhos para a importância de debates que haviam passado despercebidos até então. Ao longo do tempo, pude perceber que constituímos tanto uma forma de trabalho quanto um modelo interessante de convivência. Creio que outros membros do grupo concordarão comigo

Se nosso trabalho vem rendendo frutos bastante profícuos há vinte anos, é de se esperar que isso se deva a uma interlocução permanente e amigável. Chama a atenção o fato de que as discussões que temos tido ocorrem em um ambiente de bastante compromisso mas, também, de total liberdade. Não lembro de uma única vez em que discussões acaloradas tenham se tornado, por assim dizer, pessoais, mesmo quando terminavam horas depois do evento, em algum bar, depois de muitos copos. Na verdade, a liberdade com que conduzimos nossas discussões só é possível porque os laços de amizade e boa convivência se consolidaram a tal ponto que *sabemos* que ter o trabalho comentado por um colega é algo que nos leva a considerar pontos de vista diferentes e sanar eventuais problemas. Mais do que isso, não exagero se disser que lemos uns aos outros com espírito bastante generoso, pretendendo fazer justiça não apenas à filosofia de Hume, mas ao próprio trabalho dos colegas.

Se falo em espírito generoso e lembro que discussões podem ter acabado de madrugada em um bar, não é apenas como referência aos *happy hours* tão comuns ao final de um dia de trabalho acadêmico. Espero que a possibilidade de falar livremente sobre filosofia, e a de boa convivência que permita outros tipos de conversa, seja algo que ocorre em outros grupos. Entretanto, penso que a convivência no âmbito do Grupo Hume se destaque pelos vínculos estreitos que constituímos ao longo do tempo, motivados tanto por afinidades pessoais quanto pela paixão com que nos dedicamos a um interesse comum. De qualquer modo, não me parece que a maneira como os nossos vínculos se desenvolveram tenha resultado apenas da admiração que temos por um teórico da sociabilidade polida. Isso poderia ser uma explicação parcial, e nossas inclinações pessoais também. Ainda assim, não posso deixar de destacar a maneira invariavelmente gentil, franca e generosa com que Livia tem coordenado nossas atividades ao longo dos anos: não tenho dúvidas de que essa foi uma grande influência sobre a maneira como nos dedicamos aos mais variados temas do pensamento de Hume e, também, sobre a maneira como relacionamos uns com os outros.

Em um momento em que este registro já se tornou bastante pessoal, eu poderia tentar realizar agradecimentos ou referências, sempre mais do que merecidos, a cada amiga ou amigo que o Grupo Hume me proporcionou. Se não o faço (e se evitei, em grande medida, menções nominais), é porque não desejo correr o risco de deixar de lado quem quer que seja, nem o de não valorizar suficientemente qualquer integrante do grupo em particular. Sintam-se, todos, devidamente abraçados! Tem sido uma alegria imensa conviver com vocês, e fico feliz por poder expressar isso em um momento em que comemoramos os vinte anos de nosso grupo! Estou ansioso para saber o que poderemos alcançar nos próximos vinte!